

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro;
GOMES, Karina Sérgio. 'Sobre o
significado de coragem'. *RBSE – Revista
Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31): 266-
276. Abril de 2012. ISSN 1676-8965.

ENTREVISTA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Sobre o significado de coragem

Mauro Guilherme Pinheiro Koury
Karina Sérgio Gomes

Resumo: Esta entrevista tem como tema a coragem. O seu objetivo é discutir a habilidade que as pessoas têm de vencer o medo e construir o diferente, o que parecia inconcebível. De superar temores, dúvidas e questões e continuar em seu caminho. **Palavras-Chave:** Coragem; Cotidiano; Medo; Aventura

Recebido em: 08.12.2011
Aprovado em: 20.12.2011

KARINA SÉRGIO GOMES - O que é a coragem? De onde vem? Para onde nos leva?

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - A coragem é confundida com bravura, como um ato heróico. Eu, de um ponto de vista da sociologia e antropologia das emoções, prefiro definir coragem como um ato cotidiano de ação em direção aos outros (humanos e objetos). Nesse sentido, a coragem é um ato de aventura para o outro: é a descoberta da diferença do outro em relação ao conhecido e a si mesmo.

Nessa configuração conceitual, é uma ação que rompe com os medos (embora recheada deles) em direção à aventura da descoberta, do encontro com o diferente,

daquele que estimula a curiosidade, por ser diferente e desconhecido e ao mesmo tempo provoca receios e desejo de conhecê-lo, de assimilá-lo, de possuí-lo.

De onde vem a coragem, no sentido acima que estou definindo, vem de uma emoção nova para o conhecimento, é uma ação prévia à reflexão, mas parte de um impulso para o outro e, logo a seguir, à sua domesticação reflexiva.

Para onde nos leva? Para a sociabilidade, para o conhecimento, para um agregar de novas descobertas que complexificam a razão e a cultura e os modos de viver em sociedade!

KARINA SÉRGIO GOMES - *O que define uma pessoa corajosa? Grandes atos? Pequenas ações diárias?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Uma pessoa corajosa, no sentido que defini, é uma pessoa que vence os seus medos imediatos em função de enfrentar uma nova situação, uma nova aventura, uma nova ordem de conhecimento e de domesticação do outro, isto é, de uma ordem de coisas que estão além do seu domínio.

O corajoso pode ser dito que são todos os homens, embora existam os que têm uma dose de aventura a mais do que outros em relação a vencer os seus medos e enfrentar o 'perigo', seja ele simbólico ou físico.

Assim, as ações de coragem estão situadas tanto nos grandes atos, quanto nos pequenos e cotidianos atos. Em ambos estão presentes grandes doses de aventura para o desconhecido que se quer vencer/conhecer/possuir/ou ser possuído!

KARINA SÉRGIO GOMES - *Ser corajoso é algo da ordem da emoção ou do raciocínio?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Ser corajoso é um ato impulsionado pela emoção, na ação para o outro, para o desconhecido, existe um impulso aventureiro; o ato reflexivo vem após ou de forma quase simultânea ao impulso originário (é onde se mede as consequências do ato iniciado, seus avanços e ganhos ou perdas)

KARINA SÉRGIO GOMES - *Onde entram os atos instintivos de salvar alguém? Esse ato passa só pela emoção? Pela razão?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Os atos instintivos de salvar alguém, acredito, vêm do mesmo impulso que leva ao ato da conquista ou domaçaõ. Associado a uma alta dose de altruísmo e solidariedade. Por isso é considerado como ato heróico na nossa sociedade individualista, que ressalta as características do sujeito individual em relação à pessoa ou coletivo.

Assim, parto do princípio, como Georg Simmel ou mesmo Émile Durkheim, de que a ação para o outro é uma ação solidária, de solidariedade, e sempre altruísta. Embora a aventura esteja recheada de um altruísmo egoíco de domaçaõ de medos e do lançar-se à aventura, para a domesticaçaõ do evento a que se arrisca: seja ele objetar (Natureza) seja humano.

É um ato emocional, seguido de perto pela avaliação e extensão das suas consequências.

KARINA SÉRGIO GOMES - *Existem pessoas mais corajosas que outras? Por quê?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Sim, existem pessoas mais corajosas, tanto quanto existem pessoas mais medrosas, mais tímidas, mais ousadas etc. Os fatores são múltiplos: vão de características pessoais fisio-psíquicas dos indivíduos a formas de socialização e

educação, e as experiências de vida, a que foram submetidas!

KARINA SÉRGIO GOMES - *Há medida para a coragem? Até onde dá para ser ousado sem colocar nossa vida - ou de outros - em risco?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Não há medida para a coragem: dos pequenos aos grandes atos, de atos inusitados a atos corriqueiros, todos eles exigem uma ação de domínio permanente do outro objeto e humano, e todos são corajosos: a experiência cultural e societária humana, assim, é um ato cotidiano de coragem, e, quanto mais complexo o social, mais riscos são domados e passam a ser naturalizados, e novos riscos aparecem e os desejos de domá-los acontecem corriqueiramente.

Não dá para responder até onde dá para ser ousado, depende do momento e da situação em que cada indivíduo esteja envolvido; do mesmo modo que não há como domar os riscos ou fazê-los não acontecer: veja os exemplos de epidemias, de riscos naturais, que são de um lado domesticados e naturalizados, mas, ao mesmo tempo, catástrofes e tragédias ou elementos inesperados acontecem sobre elementos já domados e levam ao rompimento das certezas, levando os humanos à busca de compreensão e novo domínio.

KARINA SÉRGIO GOMES - *Aliás, vale a pena abdicar de fazer algo por medo? Qual o limite?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Somos desde que nascemos tratados para agir de forma segura e evitar passos em falso que provoquem riscos, além do risco de viver por si (*risos*). Somos assim disciplinados para agir com segurança, evitando riscos desnecessários. Por outro lado, o risco, a aventura, a quebra de regras para

teste de novos códigos fazem parte da ação humana socialmente expressa. No conhecimento cotidiano (teste de nova receita na cozinha, por exemplo); na ciência (romper certas certezas em busca de um teste de hipóteses que põem em risco o saber acumulado), até mesmo o risco do amor (será que o parceiro escolhido me dará alívio aos anseios que busco!) até por a vida em risco por causas ideológicas, religiosas, políticas ou mesmo de pura solidariedade ao outro, desconhecido, em perigo; colocamos em xeque a segurança que nos disciplina em busca da ousadia, da apropriação do diferente, da apreensão de novas formas do viver e conhecer!... Assim, não há limites para a ousadia, isto é, coragem...

KARINA SÉRGIO GOMES - *É possível viver sem medo? Como ultrapassá-lo?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Não é possível viver sem medo, o medo é a base da ação societária e humana. É ele que nos provoca para a ação, para o outro (objeto ou humano). Como ultrapassá-lo? Caindo em uma disciplina tão rígida que não tem forma de agir! Ou seja, vivendo nele o terror de viver! Por outro lado, a experiência humana cultural e societária é, o tempo todo, uma experiência que tenta domesticar aquilo que nos provoca medos: Anthony Giddens, sociólogo inglês, chama esse esforço de *colonização do futuro*. Tentamos nos proteger do medo procurando entendê-lo com antecipação e domá-lo. Como por exemplo, os pais que quando os filhos nascem já se preocupam com o futuro dos seus filhos querendo protegê-los para uma vida melhor! Ou como pessoas que não querem ter filhos para não expô-las ao risco de viver uma experiência trágica do sofrimento social (foi o que aconteceu, na Europa dos anos 70, com a eminência de uma catástrofe nuclear no imaginário de sua população jovem da época: uma geração tentou evitar ter filhos para que não passassem por uma

aventura de não futuro, como eles achavam que estavam vivendo!). Dois lados de uma mesma moeda!

KARINA SÉRGIO GOMES - *Quais são as características de alguém corajoso?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Estar vivo, ser curioso, ter um pouco de audácia para o outro!

KARINA SÉRGIO GOMES - *Existem pessoas corajosas ou atos de coragem?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Já respondi esta pergunta mais acima! Acredito que o ato de viver em sociedade é uma aventura de coragem, cada ato cotidiano é um ato de coragem, é um ato de vencer os medos sobre o desconhecido!

KARINA SÉRGIO GOMES - *O que leva alguém a colocar-se em segundo plano e agir para alcançar alguma coisa?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Não acredito que uma pessoa se coloque em segundo plano para agir e alcançar alguma coisa. O ato de coragem é um ato que faz com que a pessoa se lance ao desconhecido como forma de domá-lo. O colocar-se em risco é um ato de coragem cotidiano que leva os homens a ação social solidária, ou desviante, mas sempre a um ato de coragem, de acreditar na aventura social ou na busca de novas formas de viver!

KARINA SÉRGIO GOMES - *A relação entre grupo e coragem. A coragem às vezes parece ser algo solitário, como quando se trata de ser uma voz dissonante, de fazer o que ninguém fez, de acreditar no que ninguém acredita, de ser diferente. Esse medo do que vão dizer/pensar, de ficar sozinho, parece ser o grande sabotador da coragem. Ao mesmo tempo, há muitas coisas que só temos coragem de fazer quando estamos em grupo - mesmo coisas bobas,*

como ir a um bar. Somos mesmo mais corajosos quando estamos em grupo? Por quê? O medo da solidão é o maior entrave à coragem?

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Somos mais confiantes, quando estamos em grupo. Sentimos-nos mais protegidos e podemos '*ousar mais*'; somos também mais '*contidos*' quando estamos sozinhos. É só verificar uma turma de adolescentes em '*bando*' pelas ruas: as risadas altas, o '*desafio*' para os outros fora do seu grupo, as possibilidades do desvio, estão mais presentes quando estamos em grupo, isto é, com pessoas que nos traduzem códigos de confiança!

Somos mais retraídos quando sozinhos, mais disciplinas, mais conforme as regras, querendo parecer mais invisível para os outros!

A ação corajosa pode partir tanto do lado ousado que o grupo nos faz ser, por mais confiante na proteção grupal, quanto quando estamos sozinhos e nos apresenta uma situação diferente que precisamos enfrentá-la. Uma e outra levam a que em momentos decisivos, onde o medo ou a solidariedade impera sobre a forma de pensar, a ação audaz, corajosa se manifeste. Uma brincadeira: um adolescente ou um adulto, de qualquer sexo, fica milhões de minutos pensando como aproximar-se da pessoa amada, fazendo discursos para si, etc. e quando chega a hora, o medo de ser incompreendido ou rechaçado provoca pânico e uma não ação; de repente, se esbarra com a pessoa querida em uma situação determinada, sem pensar, vencer o medo e as incertezas e sai de lá com o namorado/a... Um ato de coragem, depois contato para todo e sempre aos amigos e às gerações seguintes...

KARINA SÉRGIO GOMES - *Quando somos crianças (e completamente ignorantes dos perigos, consequências, superegos morais e culturais), a gente tem "coragem" (ou ousadia, pelo menos) pra coisas que, anos depois, nem nos passam pela cabeça: tipo ficar*

de ponta cabeça no playground, pular do telhado, andar na rua vestido de homem aranha. Quando é que começamos a perder isso?

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Nós começamos a ser disciplinados desde o nascimento. Quanto mais adulto, mais responsável por si mesmo, mais socializado se espera: isso é, arriscamos nossa vida o mínimo possível: tentamos nos cercar de segurança e confiança a cada passo dos nossos atos: o adulto '*correto*' na linguagem societária é aquele que sabe agir com segurança, que pensa no futuro: isto é, que procura colonizar o seu futuro e não arriscar naquele que provoca desconfiância. Parece contraditório: mais a sociedade contemporânea nos faz viver permanentemente em risco e ao mesmo tempo não diz que só devemos arriscar quando temos confiança naquilo que apostamos.

KARINA SÉRGIO GOMES - *Como a nossa cultura, os valores sociais, o próprio conhecimento, a percepção do grupo vão nos "acovardando"? É por que pensamos demais? É por que nos preocupamos demais ou por que importamos demais com os outros? Teríamos mais a perder ou ficamos mais escaldados e céticos?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - É o que falei acima. Na nossa sociedade atual somos jogados no mundo por nós mesmo; em uma forma de impessoalidade terrível que nos faz perder a confiança em todos: o confiar desconfiando parece ser o formato da percepção do homem contemporâneo. Não é porque pensamos demais, é porque vemos o outro como inimigo que está sempre à espreita para agir sobre nós, nos impossibilitando viver de forma mais construtiva. Assim, confiar desconfiando é uma forma de testarmos o risco, de não ser pegos de calças nas mãos! Isso vai do código amoroso ao financeiro! A falta de ações mais pessoalizadas nos faz nos tornarmos mais céticos, mais desiludidos com os outros, a só confiarmos naquilo que nos dê um alto grau de certeza:

e como nunca o temos, o medo se faz implacável e nos cercamos de 'proteções'! ...

KARINA SÉRGIO GOMES - *Tem como se rebelar contra isso e conservar (ou recuperar) um pouco dessa energia criativa, dessa capacidade de inovação, desse impulso pro risco?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Não existe uma fórmula para isso! Tem caminhos muito diversos: grupos que experimentam viver em comunidades, onde valores morais, éticos, estéticos, religiosos, de segurança e conforto, etc. funcionam como uma forma de vida mais confiante. Esses grupos tem se revelado em experiências entre iguais e, em muitos casos, a personalidade é mais conformista e conformadora do que audaz. Outros experimentam modos de vida grupais onde os gostos pessoais sejam repartidos com os outros que têm os mesmos gostos... ..com resultados que às vezes levam a acomodação, ou a modos que provocam ações mais audazes e criativas: sobre renovação do corpo, enfrentamento social para que esses gostos sejam incluídos e considerados dentro do campo estético, etc. normal da sociedade; etc.

KARINA SÉRGIO GOMES - *Somos nós que nos limitamos, são os outros que nos cerceiam até esquecermos como um dia fomos corajosos?*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - Somos nós que nos limitamos ao viver a experiência social do que é considerado normal e socialmente aceito. A relação indivíduo/sociedade é assim uma via de mão dupla: somos marcados socialmente e marcamos a sociedade com a nossa audácia ou conformismo. A tensão é a palavra chave dessa relação: a coragem e os medos são suas interfaces permanentes.

KARINA SÉRGIO GOMES - *Por que em situações limite encontramos coragem? Se a vida está ameaçada, viramos monstros e*

heróis, somos virtualmente capazes de tudo - tipo a mãe que levanta o carro de duas toneladas com as mãos pra tirar o filho debaixo das ferragens. O que move isso? É biológico, químico, resultado da adrenalina e desses genes ancestrais que fazem a gente enfrentar o perigo? Será que é porque, pra ter coragem, não dá mesmo pra pensar muito, e nessas situações limite não há tempo para medir as consequências? Será que é porque só dá mesmo pra ser corajoso com aquilo que nos é mais caro, como uma vida, uma pessoa amada, um valor enraizado - e com o resto, é impossível mesmo se importar tanto a ponto de mover mundos e fundos?

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY - É isso aí! Você respondeu a própria questão. Aquilo que nos é mais caro, como a mãe que ganha força sobre-humana para defender seus filhos (proteção); a procura de confiança ou de alguém em que possamos confiar e amar (amigo/a; amado/a) ou onde possamos controlar o risco em um mercado que apresente mais medidas de segurança e proteção, onde o risco possa ser reduzido e possamos alcançar os objetivos traçados e lançar novos; fazem com que os homens construam o seu espaço no social e modifiquem ou tencionem esse espaço societário. Ao lado da coragem e da certeza, existem os medos, as incertezas, o horror e a beleza, a procura permanente da felicidade, da solidariedade, da confiança do outro (mesmo que nos provoque medo). Viver socialmente e como pessoa é viver em busca de ampliar as bases de confiança, fundamento do conhecimento reflexivo e das ações corajosas (ou nem tanto), que faz bela a experiência.

KARINA SÉRGIO GOMES – *Foi uma ótima conversa! Obrigado.*

MAURO GUILHERME PINHEIRO KOURY – Eu que agradeço. Bom dia!



Abstract: This interview has as subject the courage. The purpose of the interview is to discuss the ability people have to overcome fear and build differently what seemed inconceivable. To overcome fears, doubts and questions and continue on your way. **Keywords:** Courage, Everyday Life, Fear, Adventure

